

1  
Anima o "Cami Nair" definiu a economia como 5:  
dimensões na arte; é uma redução que contém nela  
todas as déduces. "O Quadrado Branco", além do  
monumento puramente econômico de forma  
de toda nova constituição do mundo branco,  
aparece ainda como impulso em direção  
dos fundamentos de constituição do mundo  
como ação pura. ELE É O SÍMBO DO ABISMO  
DO SER.

p. 17 A FORMA É A COR.

"A forma é convenção, na Realidade e forma  
não existe mais. O papel do artista intuitivo é então  
de fazer desaparecer a forma convenção ao  
máximo para fazer emergir a Realidade somente.

|| O ser - excitação. Certamente que os signos fundamentais  
do supramatismo, o quadrado, o círculo, a cruz,  
analisados como a tela solta a qual eles estão  
inscritos, são formas. Malévitch tenta dissolvê-los  
no monumento colorido pictórico que é a única  
realidade de pintura. Para ele a pintura  
é antes de tudo a cor que faz <sup>explodir</sup> a  
entenda a forma, que é dizer: a superfície colorida  
é a forma viva real. O que é importante num  
quadro é a cor que "mata o sujeito", é o monumento  
das massas coloridas. Trata-se de uma mística  
pictórica das cores, ÚNICA ENERGIA CAPAZ DE NAS SUAS  
VIBRAÇÕES, NA SUA INTENSIDADE, NA SUA DENSIDADE, DE TRADUZIR  
DE TRADUZIR O ABISMO DO SER - EXCITAÇÃO: "EU FIZ ABISMOS

|| COM MEU SOPRO.

A tela é uma janela à través da qual nos descendermos  
a vida"

As duas bases do suprematismo pictórico são o negro e o branco em na quais se RECORRENT todas as formas coloridas. Si Malevitch passou por um estado suprematista colorido para fazer aparecer as diferentes nuances ondulatorias de luminosidade, ele não privilegia menos o preto e o branco, o dois polos da absorção e da difusão das radiações visíveis. Em nenhum dos casos as cores são para Malevitch um direcionador? artificial convencional e cultural <sup>que tem</sup> ~~força~~ equivalentes psicológicos artificialmente estabelecidos. Não Malevitch se coloca de maneira oposta a toda a simbologia das cores (e de Weryfkin ou de Kandinsky por exemplo). A "perspectiva branca" do "quadrado branco sobre fundo branco" e ao mesmo tempo o manifesto do ser animal e o triunfo da pintura. Numo epígrafe com tanto rigor a soberania do "movimento puramente colorido".

A arte pictórica que temina por se perder na selva das aparências e do hedonismo reencontra com Malevitch que verdadeiramente funcion - o de'vilement - o desnudamento do ser animal pela cor. Malevitch devolve a sua dignidade ao ato de pintar. Nas obras das do passado, como nas que se referiam ao suprematismo, o que é realmente pictórico não são os anedotas e os pretextos, mas as UNIDADES COLORIDAS - o que nós chamamos frequentemente e luz ou a transparência de um quadro.

Como em Cane blanc sur fond blanc onde a forma do quadrado aparece e desaparece na energia do branco, as formas de todo quadro aparecem e desaparecem para não deixar vivo o atom colorido.

p 19. Se nos imaginarmos a obra de arte - o OBJETO CRIADO -  
 como o centro de um ~~em~~ círculo, de diâmetro  
 variável segundo sua importância, não diremos que  
 ele deixa emanar uma energia centrífuga que  
 se encontra <sup>imediatamente</sup> com <sup>imediatamente</sup> a energia contrária representada pela  
 apreensão de um <sup>indivíduo</sup> sujeito (ou por um grupo de  
 indivíduos) e é que este movimento de fluxos e de  
 refluxos, diferente de tudo com nome complexo  
 físico-psicológico, como substrato cultural, o  
 substrato econômico-social, etc., como o raio  
que emanam de - e convergem para o  
objeto criado, a beleza é assim relativa na  
na própria objetividade - o que explica as  
variações de gosto e do senso de beleza à traça  
das épocas e à traça dos períodos de existência  
de um mesmo indivíduo: o que é objetivo é o  
equilíbrio relacional que se estabelece entre a  
apreensão individual e a energia que se  
depende do objeto criado. A "Beleza" como  
manuscrito de qual nós poderíamos dar  
definições objetivas não existe mais. Há somente  
uma relação interpessoal (entre o pensador que  
apreende e o pensador do quadro) cuja expressão  
intensidade, podem ser mais ou menos  
grandes sem que por isto a relação seja diferente  
A relação é objetiva como um tubo de chumbo  
e um quilo de plumas fazem objetivamente -  
no mesmo sistema físico - sempre um quilo.  
Mas é evidente que, como diz o pintor  
Georges Yaboulot, se deixar cair (ou se retirar) por um  
ou outro dos tubos, se sentirá a intensidade  
diferente de um mesmo peso objetivo

O primeiro contato que a pessoa tem com o objeto criado nas artes plásticas é um olhar que se exprime ~~suavemente~~ frequentemente de maneira discursiva pelo grito: "Ah, como é bonito!" ou outro intercômodo exclamativo. Apesar do caráter primitivo deste primeiro olhar e deste primeiro grito, eles não são jamais "selvagens" ou "bravos" / "primitivos", pois é impossível ao sujeito de se abstrair de todas as alusões heterogêneas que se acumularam sobre ele. Mesmo se buscamos nos abstrair, à procura seu (o) de toda a estrutura cultural ou outra, esta busca mesma é condicionada pelo próprio mesmo estrato. Dizendo: "Ah! como é bonito!" nós não dizemos nada do objeto declarado bonito. A pessoa tenta então elucidar sua primeira relação com o objeto que se dirige sempre de todo o lado; ele o <sup>situa</sup> ~~relaciona~~ no tempo, ele o compara do ponto de vista de evolução das formas ou ainda ele se considera como uma estrutura que tem em si as regras próprias de construção: ele a analisa. É o objeto de estética ou melhor das estéticas. É um estado intermediário. O do discurso sobre o objeto. Mas todo o discurso que seja intuitivo ou neo-positivista, que exprime um método histórico, psicológico, estruturalista, fenomenológico, semiológico ou outro, sempre só uma abordagem possível do objeto criado, abordagem na qual a qualidade pelo conhecimento do objeto está em não ver qual virtude imanente que a forma declara como a única válida para conhecer o objeto, mas sim de maneira pela qual tal ou qual método se constrói.

Assim toda aproximação estética do objeto -  
 logocêntrica por excelência - é por outro lado, na medida  
 dos hipóteses, uma criação, método de os mesmos  
 leis imbuídas que toda criação. Não basta  
 apelar à Jakobson, à Michel Dufrenoy ou a Rosalind  
 para que o método seja bom. É necessário que ele  
 seja antes de mais nada rigoroso e rigoroso.  
 Neste nível nenhum método pode pretender  
 fazer um giro a volta do objeto. Ele é um dos  
 raios que vão em direção do centro - o  
 objeto feito - centro que se descentra e é  
 descentralizado, ele é um aspecto de coisa  
 que não se limita nunca totalmente no discurso.

arte contemporânea